

SHOW DE VARIEDADES ILÍCITAS: OPERAÇÕES DE PROFANAÇÃO

por amilton de azevedo¹

“(...) o obsceno, o repugnante e mesmo a blasfêmia (...) podem ter ainda o significado específico de uma agressão destinada a romper os padrões da estética tradicional que concebe a arte como campo lúdico isolado da vida real.”

(O teatro agressivo, Anatol Rosenfeld)

O palhaço Klaus é um fenômeno. Ao lado de Irmã Gorete e Medusa, seu *Show de Variedades Ilícitas* parece ter sido perfeitamente desenhado para ocupar as sessões *malditas* de festivais de artes cênicas. Pouco antes das onze horas da noite, uma imensa fila diante do Cine Teatro Benedito Alves se formava. Um desavisado, vendo a quantidade de jovens reunidos numa sexta-feira, poderia pensar se tratar de uma balada; era teatro. A obra que encerrou a programação do quinto dia do 38º FESTIVALE lotou plateia e mezanino do espaço de 270 lugares.

Não é de se surpreender, considerando a longevidade e o sucesso de *Animo Festas*, obra anterior de Márcio Douglas diante da Palhaço Klaus Arrependimentos Artísticos. Estreado em 2015, segue circulando por festivais pelo Brasil. No *Show de Variedades Ilícitas*, inclusive, reconhecem-se elementos já presentes em *Animo Festas* – o que é compreensível, visto que, se não se trata de “sequência” do trabalho progressivo, estamos diante do mesmo palhaço e do mesmo universo. Klaus, aliás, apresenta Medusa (Renato de Souza Junior) e Irmã Gorete (Adriana Marques) como parceiros

¹ amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma *ruína acesa* (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto *arquipélago*. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a *Folha de S. Paulo*. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

de um empreendimento de sucesso no final “*dos anos 80, ou 90, não me lembro*”: a animação de festas infantis.

Agora, no entanto, saem as narrativas – terrivelmente baseada em histórias reais – da experiência do palhaço que “*vai onde ninguém vai*” e entra, como apontado pelo título, um *Show de Variedades Ilícitas*. Se *Animo Festas* era um mergulho na sombra do arquétipo do palhaço, a possibilidade de pesquisá-lo como anti-herói, o presente trabalho parece se organizar como uma busca pela subversão de apresentações e gags tradicionais, de números musicais às brincadeiras com a plateia, passando por mágicas e comédia física.

O gesto de insurreição operado por Douglas e companhia não se volta a uma rejeição do gênero cênico sendo corrompido. Aliás, Klaus anuncia logo no início que trata-se de uma obra “*sem pretensões críticas ou verdades implícitas*”; pretensa ou despretensiosamente, é impossível não perceber a criticidade do discurso. É bem verdade que não há verdades *implícitas*: nada que se vê na cena é um disfarce, a obra não é um enigma, não serve a algo sub-reptício; ela está ali, no que está sendo dito e feito.

No *Show de Variedades Ilícitas*, nada é sagrado – desde o humor em torno do encontro de Gorete com a religião até, poderia-se dizer, a escolha de Douglas retirar a máscara do palhaço Klaus diante do público no momento dos agradecimentos. Nessas operações de profanação, a obra ampara-se no obsceno e na blasfêmia na direção da “*representação contundente da decomposição dessas realidades*”² violentas que nos cercam nessas intersecções entre mundo do trabalho e mundo da arte. Precarização e miséria são o sal dessa terra arrasada e é disso que se faz rir.

Não há horizonte apresentado na obra para além do pessimismo e do desalento que se vê em Klaus e seus asseclas. É uma cena mais que aberta, escancarada, onde se verifica uma adesão absoluta do público presente – um fenômeno legitimamente difícil de descrever. Como se irmanados no [Instituto Palhaço Klaus](#), ainda que provavelmente poucas ou nenhuma das pessoas na plateia seja palhaça, há uma

² O teatro agressivo, Anatol Rosenfeld.

identificação absoluta no humor que se constitui a partir de um niilismo que jamais deixa de ser crítico.

Douglas faz dos projetos no escopo de seus *Arrependimentos Artísticos* um espaço de verdadeira singularidade, uma pesquisa continuada de linguagem que insiste em se levar tremendamente a sério enquanto tem consciência que é impossível se levar a sério. Trabalhando *no ramo das diversões adultas*, o humor ácido que permeia o todo deste *Show de Variedades Ilícitas* deixa seu público desejanste, inclusive construindo uma relação de ofensas e agressões.

Números de mágica, de escapismo, musicais; estruturam o show algumas *gags* tradicionais recriadas por uma lente tosca – mas com um importante refinamento – ao lado de momentos “lúdicos” (em mais uma operação de profanação, ironizando o próprio fazer) e uma gincana com a participação de pessoas da plateia. Há, em alguns momentos, uma necessidade de maior precisão técnica, ainda que a ilusão não esteja no foco da encenação; é importante para que não se torne um ruído – ou que se assuma uma espécie de incompetência como signo intencional, o que também caberia na proposta.

Tanto a dramaturgia de Douglas quanto os comentários improvisados se localizam dentro de um enquadramento que, enquanto insiste na decadência e no absurdo, parece orientado por um discurso também político, de modo que Klaus, Medusa e Gorete fazem rir a partir de sua própria condição – ou do avesso dela, ou do imaginário que permeia quem são os *fazedores de arte*. Assim, o investimento é em uma encenação que se permite estender os limites da comédia para um lugar outro do que se vê em muitos *stand-ups*, por exemplo. Não se trata de fazer uso da liberdade do humor para polemizar a partir do “politicamente incorreto”, mas de compreender que ser contemporâneo é não se deixar cegar pelas “*luzes do século*”, é conseguir “*entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade*”, citando Giorgio Agamben³.

³ Em seu célebre ensaio *O que é o contemporâneo?*

A iluminação, de Renato de Souza Junior, joga nessa construção de luz e sombra, com pequenos focos individuais localizados como ribaltas no proscênio – o ângulo também produz algo do universo do horror – enquanto a fumaça ocupa toda a cena e a trilha sonora, de Douglas, brinca com o puro suco do *trash* anos 80.

Quase como assistentes de palco, a empedrada Medusa e a lasciva Irmã Gorete também brilham em diversos momentos da obra. Mas é Klaus, no centro do palco, que é o verdadeiro *showman*. Será de sua boca que sairá talvez a maior convocação do *Show de Variedades Ilícitas*: em meio à tanta desesperança, miséria, desrespeito e impotência, deve-se cultivar, sim, o ódio. Rir juntos, expiar as dores dos tempos, aceitar o sombrio que nos cerca e nos habita; organizar a raiva.